

A angústia no Seminário X de Lacan: alguns pontos tomados para discussão.¹

Miriam A. Nogueira Lima.

1 – A angústia é um afeto que não engana sobre sua causa, e esta é real: algo irreduzível que se opõe ao significante. Este aborda o real por via do engano constituindo o campo clínico da interpretação de um sujeito que, por sua vez, se constitui como ficção. A angústia é de outra ordem, o que aí comparece é o real do gozo.

2 – Há uma relação essencial entre a angústia e o desejo do Outro, ao enigma do desejo do Outro. A angústia se traduz por uma questão: *che vuoi?* Algo que escapa a identificação - seja ela imaginária, o sujeito não se vê, ou simbólica, o indizível – relaciona-se àquilo que não é integrável, ao que é inominável.

3 – Daí sua relação com o estranho, o enigmático. A angústia é *unheimlichkeit*.

4 – No campo da prática clínica do analista, ela é operatória porque funciona como um sinal que possibilita a orientação do analista que pode e deve dosar a angústia. Também é um sinal de que o desejo do Outro está operando no ego do sujeito, uma presença traumática.

5 – Quanto à falta, a angústia surge justamente quando a “falta falta”. Se em Freud a angústia é caracterizada pela ausência do objeto, pela perda do objeto, em Lacan ela se relaciona à presença do objeto, mas a um objeto particular, o objeto da psicanálise, o objeto *a*, invenção do Lacan.

6 – Diz Lacan: ...“Ela não é sem objeto”... “Não é, para ser exato, falar de objeto da angústia”. Neste “não é sem” reconhece-se o “não é sem tê-lo”. No movimento desejante em seu incessante deslizamento algo detém o movimento e o sujeito está detido, sujeito impedido (como na inibição, em Inibição Sintoma e Angústia, de Freud), ou mesmo fixado. Eis a angústia. Ela é sinal de objeto *a*.

¹ Esses pontos tomados dos textos abaixo indicados na bibliografia foram debatidos em mesa redonda no Simpósio da Interseção Psicanalítica do Brasil em Salvador – Bahia – de 4 a 6 de Agosto de 2000.

7 – Definitivamente relacionada ao objeto causa de desejo, o objeto a , a angústia surge sempre que este é reduzido ao objeto especular, sempre que há uma espécie de estancamento da dinâmica do desejo, sempre que há obliteração da falta, privação real do objeto que não há, mas é causa, ou seja, quando “falta a falta”. Este é o sentido de perda para Lacan, perda esta que não se relaciona a uma ausência em si, mas a uma presença que porta um enigma, que interroga o sujeito.

8 – Pode-se, então, dizer resumindo: A angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo; a angústia é sinal do real; o desejo é o remédio contra a angústia; é a relação do inconsciente com o real; é o não possível simbolizar...

Referencias bibliográficas.

ARAÚJO, Marcos Comarú. “Notas sobre a concepção lacaniana da angústia”, março de 1995, exemplar mimeo.

LACAN, Jacques, O Seminário X, 1962-1963, lição I, 14 de novembro de 1962, a lição XI, 20 de fevereiro de 1963, tradução do CEF-Recife, exemplar mimeo.
